

CAFÉ FILOSÓFICO – 16/07/2016

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência: o ser humano como um projeto infinito.** 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000

I. SOMOS SERES DE PROTEST-AÇÃO

A transcendência é o desafio mais secreto e escondido do ser humano. Somos essencialmente seres de *protest-ação*, de ação de protesto. Protestamos continuamente. Recusamo-nos a aceitar a realidade na qual estamos mergulhados porque somos mais, e nos sentimos maiores do que tudo o que nos cerca.

Debordamos todos os esquemas, nada nos encaixa: nenhum sistema militar, nazismo feroz, repressão eclesiástica mais dogmática, sistema social fechado... Por mais aprisionado que esteja, mesmo aí o ser humano transcende tudo. Porque, com seu pensamento, ele habita as estrelas, rompe todos os espaços. Por isso, nós seres humanos, temos uma existência condenada – condenada a abrir caminhos, sempre novos e sempre surpreendentes.

Como escreveu o filósofo Michieli Frederico Sciacca, no ser humano não cabe nenhum equilíbrio, ele sempre está fora do centro, longe do equilíbrio.

Ao falar de transcendência como dimensão intrínseca do ser humano, temos que submeter à rigorosa crítica o que as religiões nos legaram. Elas afirmam que o céu fica lá em cima, onde está Deus, os santos e aquele mundo que chamam de transcendentais. Aqui embaixo fica a imanência, onde está a criação sobre a qual nós reinamos. Os dois mundos se justapõem e até se contrapõem. Através de toda mecânica da oração e meditação buscamos criar pontes para chegar ao céu, à transcendência e à Deus.

Caso não consigamos por nós mesmos chegar a Deus, as religiões se propõem como mediadoras. Os filósofos, no entanto, nos dizem: tudo isso é representação e uma projeção nossa, não é a realidade originária. É invenção nossa. Talvez a primeira representação do mundo forjada pelos seres humanos, já nos ancestrais – quem sabe quando surgiu a primeira luz de inteligência, há quase 10 milhões de anos – tenham sido as religiões. Porque elas são representações do mundo: céu/inferno, lá/aqui, Deus/mundo, corpo/alma, imanência/transcendência.

Uma reflexão mais profunda, entretanto, aquela que busca o pensamento originário, aquele grau zero da existência, se dá conta de que se trata de invenção e projeção humanas. Quando afirmamos isso, irritamos todos os crentes. Aqueles que defendem os catecismos se sentem desnorteados. Mas nós temos que pensar a realidade, não os catecismos. Eles são interpretações religiosas da realidade e como tal não perdem o seu valor. São, porém, interpretação de algo anterior a eles, algo que queremos decifrar.

II. A EXPERIÊNCIA ORIGINÁRIA: A EX-ISTÊNCIA

O que é anterior às expressões imanência-transcendência? É a experiência do ser humano como um ser histórico, um ser que está se fazendo continuamente. É o que

chamamos de experiência originária: a *ex-istênci*a. Estamos sempre nos projetando para fora (*ex*), construindo nosso ser. Nós não o ganhamos pronto. Nós o moldamos mediante a nossa liberdade, mediante os enfrentamentos e intimidações do real. Ao reagir, assumir, rejeitar e modelar, vamos nos construindo. O ser humano é um ser nunca pronto, por isso há antropogênese. Nessa experiência emerge aquilo que somos, seres de imanência e transcendência, como dimensões do ser humano. Imanência e transcendência não são aspectos inteiramente distintos, mas *dimensões de uma única realidade que somos nós*.

Então, o motor secreto que faz nascer tudo e que move o surgimento das projeções: a própria ex-istênci a humana sempre aberta, sempre se construindo.

Usando uma metáfora, eu diria que somos seres de enraizamento e seres de abertura. Primeiramente nos sentimos seres enraizados. Temos raiz, como uma árvore. E a raiz nos limita, porque nascemos numa certa família, numa língua determinada, com um capital limitado de inteligência, de afetividade, de amorosidade. Ademais, temos a dimensão sã e também a dimensão patológica. É a nossa situação. É o nosso arranjo existencial. Eis nosso enraizamento, nossa imanência.

Mas somos simultaneamente seres de abertura. Ninguém segura os pensamentos, ninguém amarra as emoções. Elas podem nos levar longe no universo. Podem estar na pessoa amada, podem estar no coração de Deus. Rompemos tudo, ninguém nos aprisiona. Nossa essência está na liberdade.

Então, possuímos essa dimensão de abertura, de romper barreiras, de superar interditos, de ir para além de todos os limites. É isso que chamamos de transcendência. Essa é uma estrutura de base do ser humano.

III. TRANSCENDÊNCIA: CAPACIDADE DE ROMPER OS INTERDITOS

Inicialmente, a dimensão da transcendência não tem nada a ver com as religiões, embora elas procurem monopolizar a transcendência.

Na verdade, todos os tempos são tempos de transcendência. O tempo do homem de Neandertal era tempo de transcendência; o australopiteco piticino, que era uma mulher, Luci, era uma mulher de transcendência. Ela deixou as florestas da África e começou a andar na savana árida, e, como ali era muito seco, foi preciso desenvolver o cérebro para sobreviver. Assim, lentamente, irromperam como seres humanos. Os demais irmãos que ficaram na floresta, cheios de abundância dos meios de vida e das frutas, continuam lá como primatas até hoje. Então, o sertão, a seca, o deserto são a pátria da humanidade, da transcendência. *Fomos obrigados a transcender os limites impostos pelo meio para podermos viver. Então, a transcendência, fundamentalmente é essa capacidade de romper os limites, superar e violar os interditos, projetar-se sempre num mais além.*

Para dar um exemplo vamos fazer uma leitura antropológica da transcendência na primeira página do Gênesis, com a famosa história de Adão e Eva, e no mito do Carajás na Ilha do Bananal. Nos dois mitos, os seres humanos cometem a suprema coragem para terem a liberdade de viver a experiência da transcendência. Renunciaram à vitalidade perene, renunciaram à imortalidade.

A transcendência revela a grandiosidade do ser humano, mas também sua dramaticidade, pois ele deve morrer tendo o desejo de viver.

IV. SER HUMANO: UM NÓ DE RELAÇÕES

O que é o ser humano, então? É um ser de abertura. É um ser concreto, situado, mas aberto. É um nó de relações, voltado em todas as direções.

Émile Durkheim, um dos fundadores da sociologia, fala da singularidade do ser humano como ser social, capaz de criar utopia, de acrescentar algo ao real. É algo exclusivo dele, nenhum animal é capaz de utopia. Por isso, ele cria símbolos, cria projeções, cria sonhos. Porque ele vê o real transfigurado. Eu diria, que o ser humano é um projeto infinito. Por isso é um errante, em busca de novos mundos e novas paisagens. O ser humano é um projeto ilimitado, transcendente, não dá para ser enquadrado.

Transformar o ser humano em um mero consumidor, por exemplo, é uma concepção pobre de ser humano.

A vida, especialmente, quando submetida à coação, busca e crie outras formas de ordenação. É sua transcendência que lhe confere essa liberdade criativa.

V. LUGARES PRIVILEGIADOS DA EXPERIÊNCIA DA TRANSCENDÊNCIA

Há alguns eixos existenciais pelos quais passamos e onde fazemos a experiência de transcendência límpida:

✓ **Enamoramento:** experiência mais fundamental por ser aquela que toca a profundidade de nós mesmos. Quando a pessoa se enamora, a outra vira uma divindade. Não se mede sacrifícios, o tempo não conta. Por quê? Porque você sai de si e vai ao encontro do outro. É uma experiência de êxtase, fora da realidade. **Intimidade sexual:** na intimidade sexual, expressão do amor, uma pessoa se perde para dentro da outra e esquece-se o tempo. Vive uma experiência mística, de antecipação da eternidade. Esta é uma experiência suprema, em que os seres humanos saltam na direção do outro, numa fusão gratificante. **Cultura popular:** jogo, carnaval... A experiência da transcendência se manifesta de modo especial na cultura popular, que é a cultura massacrada do salário mínimo, da destruição do horizonte utópico, da frustração de que, no fundo, nada mais vai mudar. Conheço um torcedor que antes de um grande jogo, decisivo, vai até dormir mais cedo para que o tempo passe mais depressa, tal é o desejo de ver seu time jogar. Quando chega o dia compra antecipadamente a entrada, vai ao estádio e aí ninguém o contém. Ele treme e na hora do gol experimenta um salto para a transcendência. É o delírio, é o grito, é o abraço, é o gozo, é o êxtase. Ou então, quando chega o carnaval, e a sua escola desfila e ganha, se não tem um foguete, mas uma arma, ele chega a dar tiros para o ar, tal é a experiência de saída de si mesmo, de límpida transcendência. **Cultura erudita:** Para uma cultura mais elaborada há outras experiências de transcendência ante uma peça de teatro, um livro, um filme. Assisti três vezes ao filme *A vida é bela*, de Bengnini. É uma experiência fantástica de transcendência feita por uma criança no transfundo da guerra e do campo de concentração judeu, alimentando o sonho de ganhar como presente um tanque de guerra. Apesar daquele horror do nazismo e do campo de concentração que cristaliza a negação de toda a dignidade humana, a possibilidade do ser humano de ultrapassar, de viver a transcendência, de garantir o sonho e o humor finalmente acaba se realizando: encontra o tanque de guerra real, tanque que vem libertar a ele e a sua mãe.

VI. TUDO O QUE É SÃO, PODE FICAR DOENTE: A PSEUDO TRANSCENDÊNCIA

Há também uma pseudotranscendência que a cultura atual promove de forma inflacionada. Acho que todo esse universo do *marketing*, *do show bizz*, do entretenimento nacional e mundial são os campos onde se produz uma experiência de pseudotranscendência.

Pseudotranscendências: As pseudotranscendências exploram a capacidade de ultrapassagem do ser humano, mas não lhe conferem ampliação da liberdade. Não dão mais energia para enfrentar os desafios do cotidiano... *Marketing do show bizz... As drogas... Viagem feita pela química... A religião, a arte, o cinema podem ser drogas...*

A maior de todas as pseudotranscendências é a droga. Ela permite uma viagem fantástica, feita não pela espiritualidade, mas pela química. A religião, a arte, o cinema podem ser drogas. Com elas rompem-se todos os limites, vive-se a onipotência e se voa para além dos limites da condição humana cotidiana. *O problema da droga não é a viagem, é a volta da viagem, quando então não se suporta mais o cotidiano. O cotidiano que é a imanência, que é a rotina chata, a obrigação diuturna de trabalhar, de levantar, de seguir horários, de pagar contas, tudo isso é estafante e enervante. Então, é melhor viajar, saltar para fora dessas limitações, artificialmente, a preço de destruir a liberdade e a vida.*

Julgo que é critério para saber se a transcendência é boa, se potencializa o ser humano ou o diminui, está na resposta que damos a essa pergunta: em que medida tal experiência ajuda a enriquecer e a assumir o cotidiano? Ela representa uma fuga do cotidiano? Se a experiência não amplia nossa liberdade, não nos faz mais compassivos, generosos e solidários, podemos dizer seguramente: fizemos uma experiência de pseudotranscendência. Saímos mais empobrecidos em nossa realidade essencial, que é a de existências que se constroem com desafios de liberdade, assumindo honestamente os desafios e estando à altura deles. Precisamos compreender e assimilar em nossas atitudes que não é só poeticamente que habitamos o mundo, quer dizer, com enlevo, transfiguração e alegria, mas também habitamos o mundo prosaicamente, vale dizer, com opacidade, com seus limites e seu enraizamento inevitável. Dessa situação objetiva nenhuma droga nos liberta, só uma experiência que saiba equilibrar transcendência e imanência como dimensões de toda existência humana.

Então as pseudotranscendências exploram essa capacidade de ultrapassagem do ser humano, mas não lhe conferem a experiência de plenitude duradoura. Não é a droga que permite a experiência da viagem, é a química presente nela. **Boa transcendência:** É diferente a viagem feita a partir de um trabalho de busca de sua identidade e de um caminho espiritual mais árduo. Um trabalho onde domesticamos passo a passo os demônios que nos habitam, sem recalca-los, sem cortar-lhes os chifres, mas controlando-os e canalizando a energia poderosa deles para o nosso crescimento. É a experiência da transcendência fecunda, verdadeiramente humana.

VII. O DESEJO E A TRANSCENDENCIA HUMANA

Somos todos seres desejantes. Talvez o desejo seja a nossa experiência mais imediata e, ao mesmo tempo, mais profunda. A nossa estrutura de base é o desejo. E faz parte da dinâmica do desejo não ter limites. Não desejamos só isso e aquilo. Desejamos tudo. Não queremos só viver o muito, queremos viver sempre. Desejamos a imortalidade. E nos frustramos, porque o princípio da realidade nos mostra que somos mortais. Vamos morrendo devagarzinho, em prestações, cada dia, até acabarmos de morrer. Mas o nosso desejo é sempre virgem, sempre quer viver mais, quer prolongar o tempo, quer transcender a morte. A grande chave da pseudotranscendência é manipular nossa estrutura de desejo, é *canalizar toda nossa potencialidade de desejo para uma coisa limitada e identificar essa coisa com a totalidade da realidade.* É então que nos frustramos, porque o desejo quer o todo e só alcançamos a parte. O grave é isso: a pseudotranscendência permite a ilusão da realização do desejo infinito identificado com um objeto finito. O objeto obscuro do desejo humano não é

este ou aquele ser, esta ou aquela realidade. Não é um automóvel, não é uma mulher esplêndida, não é escrever um livro, não é fazer teatro, não é ser isso ou aquilo.

Vivemos no finito. Tudo o que tocamos é limitado. Mas o nosso desejo é infinito, é ilimitado. Então, para sermos fiéis aos apelos de nossa interioridade, é preciso manter essa abertura infinita. Quando confundimos essa realidade parcial com a totalidade da realidade, vem a ilusão do endeusamento, da idolatria, dos falsos deuses.

Considero que uma das funções importantes da razão critica é *des-construir* as realidades, é desfazer os imagina'rios construídos em função de interesses de grupos e confrontar o ser humano com a sua realidade original. Então descobrimos nossa dialética fundamental. *Cada ser é dia-bólico (que desagrega) e ao mesmo tempo sim-bólico (que congrega)*, cada um é Adão, cada um é Cristo, cada um é águia que voa alto, e, simultaneamente, é galinha que cisca cá embaixo. Temos raiz e temos abertura, como já referimos anteriormente. Somos como uma árvore, fundados no chão que nos dá força para enfrentar as tempestades. Mas também temos a copa, que interage com o universo, com as energias cósmicas, com os ventos, com as chuvas, com o sol e as estrelas. Sintetizamos tudo isso, transformamos em mais vida a nossa abertura. E se não mantemos a abertura – a copa – o tronco perde a força, as raízes secam e a seiva já não flui.

VIII. QUAL É, FINALMENTE, O OBSCURO OBJETO DO DESEJO HUMANO?

Falamos do ser humano como um ser desejante ilimitado, um projeto infinito, um ser de abertura: aberto ao outro, aberto ao mundo, aberto em totalidade. E aqui surge uma questão filosófica, que é também teológica e que não podemos nem devemos escamotear: *quem preenche esse vazio profundo dentro de nós? Qual é o objeto adequado ao nosso desejo infinito, que nos satisfaz e nos traz descanso?* Aqui se revela o ser humano como um ser protestante e insatisfeito. Não há psicologia nem analista que o cure.

Considero que há três atitudes possíveis com relação à abertura ao ilimitado, ao inominável, à atitude de expectativa e de espera do ser humano. Há muitas, mas vou me limitar às três que acho possíveis.

8.1 Uma, vivida por tantos existencialistas, como Satre, que se recusam a aceitar a transcendência. Esta primeira atitude considera o ser humano uma paixão absurda, um ser que quer o absoluto, mas está condenado a viver o relativo. Jean Paul Sarte, na terceira parte de seu livro *O Ser e o Nada*, tem um capítulo sobre a transcendência. Para ele, essa capacidade de abertura do ser humano para o outro, para o mundo e para a totalidade é a condição humana básica. Mas ele se recusa a aceitar que essa abertura tenha um objeto. Para ele, o ser humano é uma mola distendida para o universo, e tanto a sua angústia quanto sua grandeza é aceitar-se nesse empuxo (abalo) para o aberto puro e simples, sem objeto definido.

8.2 Há uma outra posição de muitos de nossos intelectuais que são agnósticos que não querem se definir com referência à abertura e à transcendência. Eles sofrem com a falta de resposta. É uma atitude digna, porque é muito dolorosa e corajosa. Sentem o desejo do espírito, identificam um objeto do desejo, mas temem aderir a ele. E acabam mantendo distância. Preferem a indefinição, manter-se no aberto, com as inseguranças e angústias que tal decisão comporta. Eu entendo essas pessoas. Às vezes tiveram experiências negativas com aqueles que, na História, se arvoraram e se apresentaram como portadores da transcendência. Grupos de filósofos, representantes de visões de mundo e de religiões oferecem um transcendente tão medíocre, tão cruel, que mais vale ser um ateu alegre do que um crente desse tipo de transcendência menor. Por isso devemos ter uma atitude compreensiva para com os agnósticos e decifrar atrás deles uma interrogação existencial,

frustrada pelas formas muito materializadas e pouco dignas da natureza da transcendência, como vem apresentada.

8.3 Mas há uma atitude, e essa é das religiões, que tem a inaudita coragem – acho que é coragem mesmo – de dar um nome a esse objeto do nosso desejo, chamando-o de Deus, Olorum, de Tão, de Javé, de Buda, Alá, de mil outros nomes, Pai, Filho, Espírito Santo, não importa o nome. Eles invocam o nome de Deus no sentido mais originário da palavra Deus, que em sânscrito significa a realidade que brilha e que ilumina. Nessa perspectiva, Deus tem pleno sentido. Deus só tem sentido existencial se for resposta à busca radical do ser humano por luz e por caminho a partir da experiência de escuridão e errância.

Aquele Deus mágico pregado por religiões ou anunciado por dogmas não preenche, necessariamente, essa busca humana, porque vem de fora para dentro e de cima para baixo. Mas há uma outra experiência de Deus, a que nasce dessa ansiedade do ser humano. Ao dizer “Deus” apontamos para a direção de onde nos poderá vir uma resposta. Então esse nome Deus *está no lugar de mistério, de inominável, de indecifrável, de fonte originária, geradora de todo ser. Neste Deus o ser humano pode descansar, pois se sente conatural com Ele. O ser humano, vivenciando-se como projeto infinito, encontra, finalmente, um Sujeito igualmente infinito, seu conatural.*

Então, se Deus tem algum significado, deve ser entendido assim, como o objeto secreto da busca humana, o nome da reverência, do pulsar do nosso coração, aquele que se esconde atrás de todos os caminhos, que nos conduz, finalmente, e nos sustenta.

A dimensão de fé, a dimensão mística, a dimensão de uma visão mais originária e profunda consistem em ver que cada caminho não é errância. Cada caminho espiritual é caminho para a fonte. Por isso, por mais diversas que sejam as religiões, todas elas falam do mesmo, do mistério, de Deus.

IX. TRANDESCENDÊNCIA: SINGULARIDADE DO CRISTIANISMO

Quais as consequências mais imediatas de tomar consciência da transcendência? Porque transcendência não é algo que temos ou não temos. Todos têm. Transcendência não se ganha, não se perde, é uma situação do ser humano que foi condenado a viver essa dimensão, a violar os interditos, a superar os limites.

Precisamos transformar essa dimensão da transcendência num estado permanente de consciência e num projeto pessoal e cultural. Devemos cultivar esse espaço e fazer que a sociedade, a cultura e a educação, reservem espaços de contemplação, de interiorização e de integração da transcendência que está em nós. Hoje talvez essa dimensão esteja encoberta por cinzas, pois a cultura é extremamente materialista e pobre de espírito. Mas, apesar de criar sedativos para a transcendência ou desloca-la para regiões privatizadas, a cultura não consegue sufocar a transcendência.

E a experiência de transcendência produz em nós, inicialmente, um enorme sentimento de leveza e de humor, porque, a partir dela, relativizamos as coisas todas e nos capacitamos a rir delas. Nada consegue absorver tudo. Nada me define completamente. Nada é definitivo. A realidade é a apenas uma *real-ização* das potencialidades existentes no universo. Não estamos encurrallados e aferrolhados a um arranjo existencial. Podemos rompe-lo e enriquece-lo. Os dramas que sempre nos acompanham são descarregados de seus ônus opressivos. Por pior que seja o mal, ele nunca é absoluto. Podemos estar além dele.

E, finalmente, a esperança é a última que morre. E por mais prostrados que estejamos, sempre podemos dar um salto, pelo menos recorrer ao direito de espernear e de protestar. Este direito nos é sempre preservado, ninguém pode destruí-lo.

Por fim, qual é a singularidade do cristianismo em face dessa experiência universal da transcendência? A experiência que o cristianismo traz não é propriamente a transcendência.

A tradição judeu-cristã fala em transdescendência. Somos convidados não apenas a superar e a voar para cima, mas fundamentalmente, a descer e a buscar o chão. A experiência que o cristianismo procura articular e comunicar é essa: o Deus, que circunda toda a realidade, emergiu do mais pobre, ele se fez verme, se fez servo, se fez escravo de toda criatura humana. Ao mergulhar dentro da fragilidade humana, Deus uniu, na encarnação, transcendência e imanência. Atrás do caído se esconde o próprio Deus, pois no entardecer da vida, seremos julgados não porque obedecemos a todos os dogmas e nos filiamos às igrejas, mas por aquele mínimo de amor que tivemos tido pelo sedento, pelo nu, pelo faminto. Para o cristianismo, o importante é a transparência, visível no homem concreto Jesus de Nazaré. A transparência é poder ver no outro Deus nascendo da profundidade de seu coração.